

# O sofrimento como uma narrativa de fé: a imagem da bruxa e onipotência divina no panfleto de Thomas Spatchet

## Suffering as a faithful narrativa: representation of witcher and divine omnipotence in the thomas Spatchet's Seaflet

**Karina Fonseca Soares Rezende**

Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG.

É membro fundadora, participante e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Autoritarismo e Totalitarismo da UFMG (NEPAT-UFMG).

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar o panfleto “Uma Narrativa de fé das Maravilhosas e Extraordinárias Convulsões do Sr. Thomas Spatchet feitas por Bruxaria” escrito por Samuel Petto e publicado em 1693 atentando para a construção da imagem da bruxa e do sobrenatural no contexto. Pretende-se, também, analisar de que forma o autor mobiliza o discurso sobre onipotência divina e o caráter pedagógico do sofrimento a partir da ação da bruxaria como uma forma de controle e convencimento da população no período. A partir desse estudo de caso, tentaremos refletir sobre a construção do feminino na Europa Moderna e a imagem da bruxa como síntese do ato diabólico no mundo. O artigo foi resultado das discussões e leituras realizadas na disciplina “Demonização da mulher e caça às bruxas na Europa moderna: da difusão da informação à historiografia” cursada no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG com a Professora Silvia Liebel.

**Palavras-chave:** bruxaria; panfletos; Inglaterra; Samuel Petto.

**Abstract:** The current article intends to analyse the leaflet called “A Faith Narrative of the Wonderful and Extraordinary Fits Which Mr. Tho. Spatchet was under by Witchcraft” written by Samuel Petto and published in 1693. The focus will be in how the witch and the supernatural is represented in that context. The intention is to analyse the way which the author used his discourses about divine omnipotence, the suffering as a pedagogical teaching – which was made by witches - for controlling and persuading of community. Through this analysis, we try to understand how the female was built in Modern Europe as well as the witch as the embodying of devil on Earth. This paper results from discussions and readings occurred at the subject “Demonizing the women and the witch-hunting in modern Europe: from information diffusion to historiography” attended in Post-Graduation Program in History of UFMG with Professor Silvia Liebel.

**Keywords:** witchcraft; leaflets; England; Samuel Petto.

Refletir acerca do processo de construção da imagem da bruxa e de sua perpetuação ao longo dos séculos é refletir sobre a própria constituição imagética e epistemológica da cristandade. É pensar como a argumentação religiosa e os simbolismos que estavam relacionados ao “ser cristão” se pautam, desde os primeiros séculos, na compreensão do mundo sob uma ótica masculina. E é pensar, especialmente, como, na Idade Moderna, coexistindo com as produções renascentistas e o discurso humanista, há a explosão de um processo de construção, consolidação e institucionalização de uma narrativa acerca da atuação do diabo através das mulheres<sup>1</sup> (DELUMEAU, 1989). Neste *locus* onde discursos sobre crença, magia e práticas estão em disputa desde as Reformas Protestantes no século XVI, percebe-se não só um reforço do lugar da mulher com base em concepções judaico-cristãs e da filosofia clássica como também há o estabelecimento da família patriarcal como o alicerce da ordem social<sup>2</sup> (FLETCHER, 1995). O patriarcalismo adquiriu um novo componente de força após as Reformas e, na Inglaterra, por exemplo, o Puritanismo potencializou uma campanha moralizante em relação as mulheres em prol de sua purificação (BARRY, 2012: 10). É imputado às mulheres neste contexto, portanto, um mito construído por teólogos, reforçado pela literatura clássica e utilizado como forma de poder e controle pelos âmbitos judiciário e político: o mito da figura da bruxa.

Um dos grandes documentos para sistematizar a figura da bruxa é a obra O Martelo das Feiticeiras (*Malleus Maleficarum*) de 1486 escrito por Jakob Sprenger e Heinrich Kramer. O documento traz representações das ações demoníacas realizadas por mulheres, as quais agiam como instrumento diabólico. É o discurso da obediência, da submissão e da subjugação pelo medo. Cria-se um estado de pavor onde nem mesmo seu corpo, sua mente, seus pertences, seus entes próximos e, até mesmo, sua vida, estão completamente salvos ou completamente santos. Como afirma Muchembled, “uma história do diabo não poderia estar completa sem um estudo do corpo e suas representações” (MUCHEMBLED, 2001: 91). É uma disciplinarização dos corpos e das mentes pautada no medo. Medo reforçado, especialmente, pela imagem do suposto *Sabá*: culto de mulheres, no tardar da noite, que seria a materialização de todos os horrores da bruxaria. O estereótipo do *Sabá* “sugeria aos juízes a possibilidade de arrancar dos imputados, por meio de pressões físicas e

1 A partir da História das Mentalidades e, especialmente, a partir de Jean Delumeau, é possível refletir como o pensamento acerca da mulher se mantém desde, por exemplo, a narrativa neotestamentária de Paulo e ganha novos elementos com o nascimento da demonologia.

2 Segundo Richard Fletcher, desde o início da Idade Moderna é possível perceber a centralidade da hierarquia social na organização familiar que se estendia para a sociedade no macro. Tal divisão hierárquica não era somente obedecida como, também, expressava corporalmente entre os grupos evidenciando o par autoridade e submissão.

psicológicas, denúncias em série, as quais, por sua vez desencadeavam verdadeiras ondas de caça às bruxas.” (GINZBURG, 1991: 10). O medo, portanto, justificaria uma perseguição sistemática às mulheres.

Mas por que a mulher? A construção negativa sobre o feminino e a definição desta enquanto um corpo defeituoso e incompleto acompanha a própria formação do Ocidente. Segundo Pierre Bourdieu, “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios e de visão e de divisão sexualizante” (BOURDIEU, 1999: 19). Denota-se à mulher o lugar do Outro, do desconhecido, do dúvida, do incerto, do fraco. Essa percepção da mulher como aquilo que falta ao homem está presente nas narrativas cristãs que definem a mulher como Costela de Adão e a grande ênfase a figuras virginais, maternais e puras como Maria (RANKE-HEINEMANN, 1996). Na tradição da filosofia da Antiguidade Clássica, a mulher aparece “para os médicos, um corpo a dissecar e, para os filósofos, uma figura social a instituir” representada, sempre, à margem daquilo que é neutro e central: o homem. (SISSA, 1990: 79). As divisões de sexo atestam uma relação de poder desde a Antiguidade que foram solidificadas com a consolidação do Estado Moderno. A construção desse feminino na Europa também está em diálogo com uma série de transformações de práticas sociais das camadas populares – a Reforma dos costumes – assim como a consolidação de uma doutrina demonológica.

Essa construção do feminino perpassa pela relação de poder que o patriarcado imputa às mulheres a partir de práticas, discursos e representações misóginas. A historiografia sobre o caça às bruxas na Europa tem como um ponto importante refletir sobre a emergência e a concretização do patriarcado nas relações sociais e nas estruturas de poder. Durante muito tempo, na historiografia, houve uma crença na realidade da bruxaria enquanto uma prática mística das mulheres. O filósofo Jules Michelet, por exemplo, traz em sua obra *A Feiticeira*, escrita no século XIX, o *Sabá* como uma forma de resistência e oposição cultural, corroborando sua existência. Uma das principais expoentes da interpretação da bruxaria como uma realidade e foco de muitas críticas foi Margaret Murray. Na obra *The Witch Cult in Western Europe*, de 1921, ela defende a existência de um culto pagão de mulheres. Essas críticas se estenderam também, em certa medida, aos estudos de Carlos Ginzburg sobre as práticas inquisitoriais.

Os estudos da metade do século XX se diferenciam substancialmente dessas interpretações. A existência de um culto de mulheres e da prática da bruxaria são relativizados e o foco se volta à construção do discurso que justificaria a perseguição. Silvia Federici em *O Calibã e a Bruxa* traz uma perspectiva marxista na análise do lugar das mulheres na Europa Moderna. Ela situa o fenômeno de caça às bruxas

como um dos acontecimentos mais importantes do capitalismo e da formação do proletariado moderno compreendendo, também, que haviam motivações ideológicas que levavam estas mulheres a prisão como uma não conformidade, por parte delas, a submissão imposta pelos homens. Estudiosos como Robert Muchembled também estão situados neste grupo que compreendem o *Sabá* como uma construção teológica que batiza o imaginário das elites sociais europeias. No entanto, se diferenciando das interpretações similares as de Federici, que entendem uma ação de inconformidade das mulheres no período, Muchembled afirma que as acusações de bruxaria estão situadas muito mais como casos de vingança pessoal, descontentamento social e uma demonização das práticas e costumes do que uma ação consciente das mulheres como forma de contestação ao *status quo*. Historiadores holandeses sugerem que, no final da Era Moderna, observa-se a intensificação de uma “feminilização da bruxaria”, onde tal se restringiria a esfera pública – situando a mulher neste local – enquanto o espaço público seria destinado ao masculino, evidenciando a tensão de poder entre feminino e masculino a partir da tensão entre público e privado (BARRY, 1996: 35). Seguindo as últimas perspectivas mencionadas, os estudos que baseiam este trabalho compreendem que a caça às bruxas foi resultado da construção do feminino na Europa a partir de uma perspectiva patriarcal e misógina e foi, também, um recurso utilizado por muitos indivíduos como forma de resolução de conflitos.

Perceber como estes discursos se materializavam e circulavam entre as camadas populares é um caminho interessante de percorrer. O presente artigo se propõe, portanto, a realizar um estudo de caso a partir do panfleto do pregador puritano Samuel Petto intitulado de “*Uma Narrativa de fé das Maravilhosas e Extraordinárias Convulsões que o Sr. Thomas Spatchet feitas por Bruxaria: ou, Uma Providência Maravilhosa em suas Convulsões sem Paralelo*”<sup>3</sup>. Os impressos na Era Moderna tiveram características e funções diversas. Uma das questões importantes é observar parte dessas produções, como o panfleto a ser analisado, como uma forma de disseminar a ordem e a disciplinarização moral e dos corpos por outras vias para as camadas populares. Londres, local da publicação do panfleto, é um espaço *sui generis* para pensarmos a produção e circulação de impressos como esses no século XVII.

O enfoque na figura da bruxa e na construção desse feminino na análise desse panfleto se justifica pela relevância que essa temática tem na documentação da época e como o mito da figura da bruxa estava enraizado no imaginário desta sociedade – e assim permanece por várias décadas. Os silêncios a respeito da bruxa, que aparecem no panfleto e dão a ela um lugar secundário também são fundamen-

<sup>3</sup> Os trechos do panfleto sob análise assim como textos acessados em outros idiomas serão traduzidos pela autora ao longo do texto.

tais para pensarmos como essa compreensão da bruxaria não era algo pessoalizado, focado em um modelo específico de mulher, mas sim que dizia respeito *às mulheres*. Compreendemos as limitações do artigo no que diz respeito a uma discussão que abarque todas as minúcias que a fonte nos apresenta. No entanto, a escolha por focar na imagem da bruxa – ainda que apareça de maneira tímida no panfleto – e sua relevância no momento da escrita é demonstrar como, mesmo em um período onde as narrativas sobre a bruxaria não eram necessariamente protagonistas nos escritos, havia uma preocupação em denotar o lugar e o poder que supostamente teriam. O foco principal do panfleto, a linguagem sobrenatural que denota de viés pedagógico o sofrimento dos homens, é a segunda vertente que será abordada neste artigo, a partir da qual podemos observar a construção retórica dos homens do século XVI a respeito dos fenômenos naturais que o cercava.

## O contexto e as justificativas da produção

O pregador dissidente Samuel Petto é uma figura pouco estudada apesar de sua produção teológica considerável com temáticas centrais do século XVII na Inglaterra. Ainda hoje, é um autor pouco conhecido nos estudos sobre ortodoxia da Reforma Protestante e nos trabalhos sobre Puritanismo inglês (BROWN, 2009). Nascido em 1624, foi um clérigo e ministro inglês dissidente ou não-conformista que iniciou seu trabalho como pároco na cidade de Sudbury no condado de Suffolk, na Inglaterra, em 1648 tendo, ainda na década de 1690, relatos de que ele ainda residia e exercia seu ofício no mesmo local. Um fato de grande relevância em sua trajetória é que, após a instauração do Ato de Uniformidade de 1662 pelo governo inglês, Petto, assim como cerca de 2000 clérigos, se rebelou sendo expulso de seu cargo religioso e de Sudbury. Ainda assim, graças aos contatos e prestígio que tinha na comunidade local, se tornou uma das figuras dissidentes mais respeitadas do distrito. O Ato de Uniformidade exigia que todos os ministros utilizassem o *Book of Common Prayer* para o exercício do serviço religioso e Petto partilhava de muitas opiniões e práticas opostas aos presentes no livro sendo, uma das principais, sua discordância a respeito do batismo de crianças. Morreu em 1711 deixando trabalhos teológicos sobre catecismo, pneumatologia, escatologia, eclesiologia, apologéticas sobre o batismo infantil, análises teológicas e escritos sobre bruxaria.

A última temática é menos explorada. Há cerca de 13 publicações creditadas a ele ou escritas com seu apoio. A provável oitava obra publicada por ele foi impressa no ano de 1693 e centra sua narrativa sobre um caso de bruxaria. O texto *A Faithful Narrative* [...] publicado em 1693 em Harrow, no noroeste de Londres, por John

Harris<sup>4</sup> – editor que, inclusive, publica outras obras da mesma temática, apresentando um afincamento pela circulação do tema<sup>5</sup> - traz a narrativa sobre uma condição física de um homem, o Sr. Thomas Spatchet, e sua causa sobrenatural. O texto é caracterizado por um discurso que pretende mostrar o sofrimento físico como decorrência exclusiva e visível de bruxaria. O discurso traz elementos médicos ao dar foco aos males sofridos pelo homem, mas mobiliza um discurso religioso como forma de justificar a condição do personagem. As convulsões e a maneira como elas se davam seriam “evidências suficientes que essas coisas eram sobrenaturais.” (PETTO, 1693: n.p.).

O texto é narrado com objetivos e justificativas muito bem delimitadas: logo no início do panfleto, ele diz que os acontecimentos que serão narrados são para ensinamento pois ensinaram à vítima submissão, liberdade e obediência. O texto apresenta-se, justamente, como uma peça importante no contexto onde foi produzida. Para compreender a produção de Petto é fundamental, portanto, lançar olhar para a sociedade inglesa no século XVII e suas transformações. A Inglaterra de Petto é a sociedade pré-industrial do século XVII. Em uma sociedade com expectativa de vida baixíssima, escassez de alimentos frequentes, alta taxa de mortalidade e epidemias, explicar acidentes (como incêndios), doenças, conflitos sob a ótica da maldição por parte de alguém e do malefício, como uma obra feita por uma bruxa que deixa evidências, era algo bastante corriqueiro (THOMAS, 1991: 22).

É possível compreender algumas produções deste contexto, como o panfleto sob análise de Petto, explorando a relação da narrativa do caso com o macropolítico. Até meados do século XV, os discursos sobre bruxarias apareciam como, dentre outras coisas, uma forma de unidade política da comunidade através do medo. A bruxa é a figura que canaliza o mal e faz-se necessário se unir para lutar contra esse mal diabólico. No entanto, a Inglaterra do século XVII encontra diversas cisões. A Guerra Civil e problemas internos após 1640 colocam em xeque a unidade protestante e, para além da unidade religiosa, coloca em questão a própria unidade da comunidade e fomenta novas compreensões de mundo e dissidências religiosas. A narrativa de Petto localiza-se em meio ao contexto da Restauração dos Stuarts na Inglaterra pós-revolução. De acordo com Peter Elmer (1998) o processo que ele

4 John Harris foi um dos secretários da Real Society no século XVIII, tendo participação na divulgação e elaboração de diversas obras de teor científico como o *Lexicum Technicum* (1708). Durante meados até o fim do século XVII, Harris publicou diversos panfletos em Londres e Oxford. (PLOMER, 1922).

5 Na sessão de anúncios do panfleto em questão, Samuel Petto cita os textos “Six Seceral Treatises”, “The Life and Death of the Late Antient and Eminent Divine; A Compendious History of the first Inventers and Instituters of the most Famous Arts, Mysteries, Laws, Custums, and Manners in the Whole World” e “A Collection of Modern Relations of Matter of Fact concerning Witches and Witchcraft upon the persons of People” (PETTO, 1693).

intitula de politização da demonologia (e também a demonização da política) fez com que, no final do século XVII na Inglaterra, a feitiçaria tivesse menos um caráter de estímulo a unidade e concordância no corpo social do que tinha anteriormente e mais um instrumento capaz de encorajar divisões e cismas religiosos e políticos.

A narrativa sobre Spatchet é um exemplo interessante disso. Para Elmer, um ponto fundamental é que as convulsões descritas ocorreram próximas aos eventos políticos do período. O início das convulsões data de março de 1660, apenas um mês antes da Restauração, e tem seu clímax em 1662, momento em que Spatchet se torna ainda mais debilitado. Durante 1662, ele tem uma “pequena liberdade de suas convulsões” (PETTO, 1693: 8), algo que coincide exatamente com a declaração de indulgência de Carlos II. Percebe-se, portanto, uma forma de utilizar as narrativas sobre feitiçaria como uma forma de expressar sua inconformidade com a situação vigente (BARRY, 1998). Isso dialoga diretamente com o que Robert Muchembled afirma ao dizer que “o microcosmo do corpo humano está ligado ao macrocosmo universal.” (2001: 96). A demonização, inclusive, foi aplicada como forma de acusação aos inimigos políticos. Isso demonstra como não há uniformidade na crença e que estas não estão a parte do político e social.

Ademais, a compreensão sobre a magia e a própria bruxaria estava ganhando novos contornos. A figura da bruxa e a prática da bruxaria foram ressignificadas e apropriadas de diferentes formas ao longo do tempo. Segundo Keith Thomas, um dos grandes estudiosos das expressões religiosas modernas, os meados e fim do século XVII foram marcados, especificamente na Inglaterra, por uma revisão sobre a magia e uma extinção gradual do entendimento da feitiçaria como algo diabólico. É impossível, no entanto, dar uma explicação monocausal para o declínio da crença. O crescimento urbano, à ascensão da ciência, a difusão da informação foram aspectos que contribuíram neste processo, mas não o justificam como um todo. É possível afirmar haver uma realocação da linguagem da demonologia. Isso gera a perda da vitalidade política que, para alguns estudiosos, faz com que a crença na feitiçaria seja vista mais como propriedade de partidos, seitas e facções do que um árbitro universal da verdade, da disciplinarização e da unidade político-religiosa ou justiça divina (ELMER, 1998).

Em *Religião e Declínio da Magia*, Keith Thomas traz uma longa discussão sobre a feitiçaria na Inglaterra. Segundo o autor, no século XV, a compreensão de bruxa e curandeiro tinham uma conotação menos nociva do que passou a ter futuramente. A crença em uma magia maléfica, apesar de ter uma tradição antiga, é apropriada na Inglaterra a partir do século XVI. A associação da bruxa com poderes demoníacos é assimilada por Estados do continente como o Sacro Império-Germâ-

nico e a França, onde o poder da bruxa sai do espectro do malefício para a adoração do diabo. A ideia do malefício era bem vívida na Inglaterra e, em muitos lugares, inclusive, era necessário comprovar o efeito do malefício sob a vítima para que tal gerasse punição. A crença no culto ao diabo foi mais forte no continente, onde era visto e divulgado como uma heresia. Na Inglaterra, no entanto, o crime de bruxaria tinha muito mais um apelo antissocial do que de heresia em si.

A queda no número de processos de bruxaria, mesmo antes da Lei de bruxaria de 1736,<sup>6</sup> mostra como, no século XVII, o crime foi perdendo a força que tinha anteriormente. Segundo Thomas, “o declínio dos processos formais foi uma consequência do crescimento do ceticismo entre as classes cultas a respeito da possibilidade de tal delito, ou pelo menos sobre a possibilidade de prová-lo” (THOMAS, 1991: 470). O caso inglês tem suas especificidades. No fim de sua obra, Keith Thomas elenca alguns motivos para o que chama de declínio da magia como mudanças intelectuais que constituíram a revolução científica e cultural no século XVII e a dissolução da união entre magia e ciência; insatisfação pelas respostas dadas em um período de novas tecnologias, novas técnicas empíricas, circulação de informação; mudanças sociais e um ambiente mais controlado e seguro. Na Inglaterra, porém, a magia perdeu força antes das soluções técnicas chegarem demonstrando que as mudanças políticas tiveram um apelo maior para a transformação do imaginário do que em outras localidades.

## **A exemplaridade do caso de Thomas Spatchet e o sofrimento como retórica da fé**

O panfleto de Samuel Petto, portanto, dialoga com este universo de questões sociais, políticas e religiosas. A capa do panfleto (Imagem 1) apresenta a conotação da narrativa. O que mais chama atenção na diagramação do texto é a ênfase nas palavras *Mr. Tho. Spatchet* e *Witchcraft*. Isso levanta dois pontos: a importância que o autor denota para a bruxaria em um momento de queda da magia na Inglaterra e a relevância que vê no personagem que serve como estudo de caso. Além disso, a capa traz um versículo do livro de Jó que é central na narrativa por falar sobre o sofrimento humano perante a onipotência divina.

A narrativa em si é precedida por uma série de sessões. Inicialmente, há uma página de *anúncios* onde são divulgadas outras publicações de interesse do autor como já mencionado anteriormente. Em sequência, há a sessão *Um Prefácio*

<sup>6</sup> A Lei de bruxaria de 1736 foi uma legislação aprovada pelo Parlamento Britânico que previa a proibição de acusação de atos sobrenaturais ou de bruxaria sob pena de prisão. Foi um passo importante para a criminalização da caça às bruxas na Grã-Bretanha.

para um Leitor Cristão onde temos informações chave para compreender os motivos para a escrita desse documento. A terceira parte que antecede o panfleto em si é a denominada *Uma Epístola para o Leitor* onde o autor apresenta um estudo de caso do poder da bruxa e o porquê de sua atuação no mundo governado por Deus. Essa prática de criar um diálogo direto com o leitor é uma forma, também, de pessoalizar o discurso, de mostrar a relevância dessa fala no cotidiano das pessoas. Após situar a discussão no âmbito sobrenatural ele estabelece, realmente, que sobrenatural é este: a bruxaria e a bruxa. É interessante observar que essa é uma das únicas sessões onde o autor fala da necessidade do julgamento das bruxas. Para ele, o julgamento dessas figuras se apresenta como uma forma de libertação e resposta à oração solene. É o sofrimento imposto ao corpo do outro, portanto, como uma forma de adquirir e estabelecer poder, mas também como uma forma de restabelecer a ordem social. A sessão seguinte, *Uma Carta para uma Amigo*, é uma afirmação da relevância do relato e da necessidade deste panfleto ser difundido.



Imagem 1: Capa do Panfleto “A Faithful Narrative[...]

Fonte: Samuel Petto, Londres, 1693.

Após essas quatro sessões iniciais, a narrativa se inicia com o título de *A Mysterios Providence* e é dividida em 8 capítulos. É organizada de forma cronológica

e conta o início, o desenvolvimento e o apaziguamento da enfermidade de Thomas Spatchet fruto da ação de uma bruxa segundo o autor. Pode ser dividido em três partes principais: a primeira, diz respeito ao primeiro e parte do segundo capítulo, onde nos é apresentado o protagonista, as justificativas e o objetivo do panfleto. A segunda parte, a segunda metade do capítulo dois, o capítulo três, o quatro e o seis, diz respeito a uma análise de Samuel Petto da enfermidade sofrida por Spatchet, sua evolução e os sintomas principais. Já a terceira parte, o capítulo 5 e parte do capítulo 7, diz respeito a figura da bruxa, sua relação com o diabo e sua morte. A quarta e última parte apresenta-se como uma recapitulação, a compreensão moral da narrativa por parte do autor tendo, em sua sequência, o *Postscript* onde traz informações sobre Thomas Spatchet entre os acontecimentos na década de 1660 e a publicação do panfleto em 1693.

As justificativas para a escrita do panfleto e as formas que legitimará seu discurso são apresentadas ao leitor nas primeiras frases do documento. O aspecto levantado por ele com bastante frequência desde a primeira sessão do panfleto é a confiabilidade do relato por ser de testemunhas oculares. Já em *Um Prefácio para um Leitor Cristão* Petto enfatiza a grande presença de evidência do caso e a impossibilidade de negá-lo dando, como prova, as coisas que presenciou ou que outros presenciaram.

A narração do acontecimento e sua divulgação implicam em compreender que a temática não importa, apenas, a quem vivenciou ou às pessoas próximas, mas implica, também, uma discussão na esfera pública. Nos trechos iniciais da obra, Petto afirma que “isso não é mais um assunto privado, mas sim de conhecimento comum no país, na Inglaterra” (PETTO, 1693: n.p.). O caso se faz relevante, também, pelo homem envolvido na trama, um oficial de justiça, alguém que prestava serviços diretamente para seu país. A trama acontecer com ele é um alerta e uma denúncia: até com um homem de Deus e com alguém de uma camada importante da sociedade é possível. É fundamental compreender que para os homens e mulheres do Medievo e da Modernidade, especialmente longe de comunidades urbanas, a separação entre público e privado era algo que não estava estabelecido nas relações. Segundo Thomas, os documentos que relatam o cotidiano aldeão nos permitem dizer que “todos tinham o direito de saber o que todos os demais estavam fazendo” (THOMAS, 1991: 426). Os acontecimentos da vida de Spatchet e, inclusive, os detalhes mais particulares das convulsões que sentia, eram tidos como algo de interesse público e que estava intimamente relacionado com a comunidade da qual ele fazia parte.

Outro aspecto importante da obra é a compreensão da presença do sobre-

natural em tudo que é natural. Robert Muchembled, afirma que “o universo mental dos homens do século XVI não trazia qualquer consideração a respeito do impossível, nem fazia a menor distinção entre o natural e o que nós chamamos de sobrenatural” (MUCHEMBLED, 2001, p.105). Mesmo falando de mais de um século depois, Samuel Petto e seus contemporâneos são herdeiros desse universo mental. Petto afirma que, mesmo que um movimento convulsivo tenha causas naturais, é impossível pensá-lo desassociado do divino elencando, mais uma vez, o exemplo de Jó. Afirma que as ações vivenciadas por Thomas Spatchet “transcendiam o poder natural” (PETTO, 1693: n.p.). justificando que tudo o que viu e as informações que coletou o davam certeza que apenas ações sobrenaturais poderiam executá-las, tanto pela força das convulsões, quanto pela forma como estas aconteciam.

Petto enfatiza as evidências utilizadas para sua acusação e a veracidade do seu relato ao longo da narrativa. Aparentemente, não há a busca por punir nenhuma pessoa – a mulher acusada de ser bruxa, inclusive, morre doente – mas sim veicular os acontecimentos com base nas justificativas já apresentadas. Era sabido “que as alegações de bruxaria não deviam ser feitas antes que outras possíveis explicações para o aparente *maleficium* houvessem sido consideradas” (THOMAS, 1991: 463). A suposta confissão da mulher dava legitimidade para que o acontecimento fosse relacionado à bruxaria para além de uma intervenção direta do diabo. A dificuldade de provar algo é o que faz com que Petto reitere constantemente a contundência das evidências que tem.

Porém, qual a necessidade de uma história de sofrimento pessoal ser divulgada? Trazer esse assunto para a comunidade tem duas funções distintas, mas também complementares. Uma diz respeito à necessidade de pautar e definir o que é o crime e a heresia, especialmente em um momento onde a linguagem da bruxaria<sup>7</sup> está em disputa política até mesmo no contexto macropolítico inglês. Uma segunda função é *pedagógica*, elencada pelo autor em suas justificativas. Em *Uma Carta a um Amigo*, Petto escreve à um remetente, sem identifica-lo. Neste trecho, justifica novamente a importância de ouvir e publicitar a história de uma figura como o Sr. Spatchet e coloca para julgamento do remetente a questão, algo que nos faz pensar ser uma autoridade importante nos assuntos religiosos ou políticos. No início do primeiro capítulo da obra, diz que a história será útil tanto para aqueles que tem “convicção notável” quanto para “o coração dos pecadores” (PETTO, 1693: n.p.). A

7 De acordo com Stuart Clark, para entender a crença na bruxaria no período é fundamentalmente analisar a linguagem que autoriza esse tipo de crença. Essa linguagem não necessariamente transpõe fatos percebidos no mundo exterior, mas sim significa o mundo a partir de referenciais próprios. “Apresentado como verdade natural e imutável, o demonismo tornou-se tão dependente de estratégias linguísticas particulares – oposições binárias, particularmente – que veio a ser visto mais como produto que como o tema-assunto de sua própria linguagem.” (CLARK, 2006: 36).

história seria uma narrativa capaz de encorajar os cristãos em situações parecidas ou que poderiam ter algumas dúvidas em relação a fé. É, portanto, uma tentativa de ensinar tanto aos crédulos quanto incrédulos a partir dos ensinamentos que o próprio Spatchet teve pelas convulsões ao mesmo tempo em que a produção expressa angústias e questões do contexto vivido.

Todas essas questões aparecem vinculadas ao eixo central de discussão da fonte: mostrar como o sofrimento de Petto, assim como o sofrimento do Jó, no Antigo Testamento bíblico, é um sofrimento que possui justificativas e raízes divina. Esse sofrimento evidencia o poderio divino ao mesmo tempo que denota a dependência e limitação humana e sua necessidade de recorrer ao mesmo Deus que o enviou este percalço. O sofrer tem uma denotação específica no livro de Jó: mostrar a obediência de um homem que, mesmo submetido as piores condições – não por um castigo, mas por demonstração do poder divino – permanece firme. É uma biografia exemplar para os outros cristãos.

Essa biografia exemplar lida diretamente com o sofrimento físico, uma enfermidade. Explicar doenças e, especialmente, o que hoje compreendemos como problemas mentais e traumas, era algo que, segundo Keith Thomas, frequentemente evocava o divino nas suas explicações. Como mencionado, no início da escrita, o autor faz uma breve biografia da infância do oficial de justiça. Descreve um momento em que, quando criança, estava sendo carregado por um servo e caiu, tendo “seu crânio quebrado” e uma cicatriz visível na cabeça. Fala, também, de outra situação onde quase se afogou quando tinha aproximadamente 21 ou 22 anos. Jacqueline Pearson (2017) atenta para o fato de que Petto elenca evidências que poderiam, justamente, trazer explicações naturais para a condição vivida por Spatchet, como traumas neurológicos pelas quedas. No entanto, toda sua escrita, inclusive sobre os acidentes sofridos, aparece na narrativa como demonstração da proteção divina sobre sua vida. A descrição trazida por ele dificilmente seria compreendida por homens do seu tempo como simples traumas neurológicos precisamente pelo universo mental do contexto. Toda sua história é significada por Petto de maneira que toda sua vida está relacionada a esse universo mental, ao sobrenatural.

A construção da narrativa sobre Spatchet passa desde sua infância até sua morte. Petto descreve seus casos de convulsões, como aquelas que o faziam contorcer, pular, perder a habilidade de caminhar, comer, falar ou dormir, com aumento e diminuição gradual, atentando para aquilo que chama de características sobrenaturais de sua condição. Além disso, em praticamente todos os capítulos descreve as convulsões e as consequências e limitações importas por estas. Uma das limitações mais devastadoras na descrição de Petto é a impossibilidade de Spatchet de con-

gregar e exercer suas atividades religiosas. No terceiro capítulo, Petto afirma que o oficial desejava muito rever amigos próximos, mas sua condição impedia o exercício de qualquer atividade religiosa. Isso diz respeito a relação estrita entre sociabilidade e vida religiosa. As igrejas e paróquias, para além de espaços religiosos, locais de exercício de poder e de estabelecimento de laços sociais. As convulsões, como fruto da ação da bruxa instrumentalizada pelo Diabo, fazem com que Spatchet perca laços comunitários, fraternos, sociais e perca poder e status. O espaço de exercício religioso é o espaço onde a vida da comunidade se concretiza frente aos outros em diversas instâncias. O sofrimento físico se estende a um sofrimento espiritual.

Por outro lado, a ideia do sofrer implica quem sofre, mas também quem provoca o sofrimento. A figura da bruxa é tratada de maneira tímida no panfleto. Não é explicitada sua relação com o personagem e nem o motivo para que tal fato ocorresse com ele. Isso pode ser um indício de que não é a descrição da figura da bruxa em si que importa no relato, mas que sua existência é eixo central para que todos os males acontecessem com o protagonista da narrativa. Não é para elencar elementos físicos, ou de sua vida como forma de torná-la mais identificável, mas sim focar no acontecimento e no sobrenatural. A bruxaria servia como uma explicação para algo que a medicina da época, por exemplo, não tinha subsídios para explicar, tendo “a útil função de fornecer à vítima de um infortúnio uma explicação, quando não havia outra. Ela suplementava as deficiências da técnica contemporânea, em especial da técnica médica.” (THOMAS, 1991: 435). A impotência frente a uma doença era a base das crenças em muitos males e isso aparece no panfleto sob análise. A crença e o temor do malefício é base para o temor em relação a feitiçaria. Para Jean Delumeau, “os pânico e epidemias de feitiçaria não teriam eclodido sem a existência de um fundo endêmico de medo dos malefícios” (DELUMEAU, 1989: 367). A bruxaria atiçava e potencializava o medo já presente nas comunidades.

### **“Seu trabalho, sua vontade”: a onipotência divina e o problema do mal**

Uma questão central na narrativa de Petto é, como já foi dito, o reforço do poderio divino enfatizando não apenas sua força, mas também seu controle de todos os acontecimentos terrenos. Desde a capa do panfleto é possível observar os paralelos feitos pelo autor da narrativa sobre Spatchet com a história de sofrimento de Jó.

A narrativa de Jó é apresentada como modelo para o fortalecimento da ideia de poder divino, inclusive sobre o mal. O livro homônimo conta a história de um

habitante de Uz que era um “homem íntegro, reto e temente a Deus e desviava-se do mal”. Em Jó 1:10, é apresentada a aposta de Satanás com Deus: Jó seria capaz de se manter fiel mesmo tendo suas dádivas retiradas de si? O mal que seria afligido a Jó por Satanás só foi possível pela permissão de Deus, relembra o texto bíblico. Ao longo de quase 40 capítulos são apresentadas discussões de Jó e seus amigos assim como diálogos com Deus onde Jó se apresenta como um homem de fé diante de todo o sofrimento e sua miséria como aprendizado e forma de glorificar a Deus.

A vida de Spatchet é colocada nesses termos: Petto diz “dar uma narrativa de fé e uma relação verdadeira do extraordinário e quase sem paralelo das aflições corporais com que um servo eminente do Senhor foi afligido” (PETTO, 1693: 2). Para além disso, a proteção para a vida de Spatchet também tem destaque. Desde sua infância, tem sua vida preservada – momento onde o autor identifica paralelos com a vida e infância de Moisés. Após ser acometido pelas convulsões, ele é afligido em seu corpo, sua mente, em suas relações pessoais e espirituais, mas tem sua vida preservada. Pessoas próximas a Jó poderiam dizer a ele que o que ele estava vivenciando não tinha relação com o espiritual, assim acontecia com Spatchet. É uma narrativa quase canônica da vida do personagem presente no panfleto e Petto faz alusões que comparam a vida em santidade de Spatchet com a de Jó. Essa biografia do personagem pode ser entendida, também, como uma *hagiografia*, tipo de narrativa de vida característica dos santos católicos e importante forma de difusão do cristianismo no medievo.

O aspecto central da narrativa de Jó apropriado na descrição de Petto é a limitação da ação demoníaca pelo Deus onipotente. O início da obra discute sobre a importância de se compreender Deus como o Todo-Poderoso. Isso inclui compreendê-lo, também, como aquele que tem poder – ao menos de permissão – sobre o mal. Petto afirma que Deus deu “a permissão de Satanás de afligir seu servo” (PETTO, 1693: n.p.). e que “Satanás só fere um homem até onde Deus permite que ele o faça” (PETTO, 1963: n.p.). Nos momentos de crises mais fortes, o autor fala como Deus conduzia o coração deste homem para a paciência, uma forma de ensinamento, deixando ter seu próprio tempo e tendo que passar por convulsões violentas afirmando que “ele sentava na cadeira para receber uma convulsão vinda diretamente das mãos do Senhor” (PETTO, 1693: 12). Deus não só permitia como era uma ação vinda diretamente de seu querer, tendo um sentido pedagógico, moralizante e até mesmo de evolução espiritual para este homem.

Deus aparece como um personagem que se vinga ao mesmo tempo em que é misericordioso; o Deus que pune e permite o sofrimento ao mesmo tempo que protege e salva os seus. Isso traz à tona uma das maiores questões para o teólogos

desde Medievo: o problema da existência do mal. Ou Deus é onipotente e a existência do mal está implicada em sua própria existência ou Deus é bom, não possui ou tem relação com o mal, o que o impede de ser Todo-Poderoso (MINOIS, 2002). O sofrimento não era compreendido como algo por si só: era necessário dotá-lo de significado. A não existência de uma figura que materializasse o mal – como seria melhor desenvolvido séculos depois pela demonologia – juntamente com a afirmação de um poder absoluto de Deus, implicava comprometer, em certa medida, a benevolência absoluta divina.

O sofrimento, especificamente tendo a mulher como instrumento desta dor, é tido pelo autor do panfleto como uma forma de ensino para quem sofre e para quem vê o sofrimento. Ensina sobre a necessidade de obediência, exercício religioso, mas também sobre o poder absoluto de Deus. A Reforma Protestante simbolizou a possibilidade de ruptura com a narrativa tradicional da cristandade encabeçada pela Igreja Católica Romana. Deus passa a ser apreendido, ensinado e cultuado de outras maneiras (SKINNER, 1996). Neste contexto de declínio da magia, de contestações religiosas e divergências teológicas que culminaram até em guerras, Samuel Petto delimita a necessidade de se compreender Deus como o absoluto. As tensões entre puritanos e anglicanos, peça importante na eclosão da Guerra Civil na Inglaterra, denota como essa disputa no campo das ideias desempenha um papel prática na política e vivência desta sociedade. Em *Uma Epístola ao Leitor*, no final do panfleto, Petto escreve um dos mais interessantes trechos da obra. Sintetiza o porquê de sua publicação, mesmo perante críticas, com a seguinte justificativa: “me alegra se essa publicação contribuir para a liberdade dos domínios de Satanás das almas ao mostrar sua crueldade no corpo dos *homens*” (PETTO, 1693, n.p.). No original, o texto não compreende homens como *humanity* mas sim como *men*. Não pelo homem, por si só, na ação direta que Satanás age. Mas a crueldade sofrida pelos homens tendo a mulher como instrumento dessa maldade.

### **“Such children of the devil”: a bruxa por Samuel Petto**

A figura da bruxa tem um papel importante mesmo que tímido na narrativa. Como já afirmado, o autor foca no sofrimento físico e no caráter pedagógico da dor mas se preocupa em mostrar que toda essa narrativa aconteceu e foi possível através da figura da bruxa. Apenas dois capítulos, o 5 e 7, trazem a mulher para o primeiro plano. No entanto, logo nas sessões iniciais do panfleto, temos duas definições sobre o que seriam as bruxas para Samuel Petto: “*crianças do demônio*” e “*criaturas perversas no mundo*” (PETTO, 1693: n.p.). Ambas definições tem tradições longínquas que foram apreendidas pelos modernos dentro do contexto em que viviam.

A mulher concebida como ser humano incompleto assim como uma criança é uma concepção herdada da antiguidade clássica. Desde Platão, há a compreensão do objeto-mulher: figura passiva, inferior anatômica, fisiológica e psicologicamente ao homem. (SISSA, 1990: 115). A identificação da mulher como um ser humano essencialmente mau é uma herança judaico-cristã especialmente advinda do mito de Adão e Eva. Agostinho inicia uma tradição ao centralizar a criação e a queda na narrativa cristã. Abre alas para “uma corrente de misoginia que turbilhonou durante séculos em torno da figura da primeira mulher.” (GREENBLAT, 2018: 115). É a culpa da Queda imposta à Eva. Ela levou o fruto, o motivo da corrupção humana. Adão é praticamente exaurido da responsabilidade. O mundo é um mundo que pertence aos homens. As mulheres intervêm ou atuam nele de forma maléfica ou minimamente duvidosa. Com embasamento na tradição filosófica, teológica e médica, a construção da narrativa sobre a bruxa sintetiza a mulher como ser incompleto capaz de ser instrumentalizado pelo demônio no mundo.

A mulher como instrumento do mal no mundo pelo diabo aparece de maneira bem perceptível no panfleto de Petto. É dito no capítulo 5 que a mulher era instrumento para afligir tanto a Thomas Spatchet como a outras pessoas. Segundo a narrativa, “então ela confessou que ela tinha feito um pacto com o Diabo e que foi aliciada por uma bruxa no casamento e que foi bruxa por cerca de vinte anos” (PETTO, 1693: 18). A partir de contato com essa outra mulher, Petto afirma que ela “enfeitiçou John Collet de Cookly e Henry Winson de Walpool a morte” (PETTO, 1693: p. 18). A ação não acontece diretamente pela atuação demoníaca. O intermediário é a mulher. Em *O Martelo das Feiticeiras*, os autores da obra defendem a ideia de uma tendência moral corrompida e, em muitas outras documentações do período, as justificativas para que mais mulheres que homens pratiquem bruxaria é a “inclinação natural das mulheres a fazer o mal.” (GREENBLAT, 2018: 124). Há, portanto, a construção da mulher como a metade subversiva da humanidade que justificaria para teólogos e juizes do início da Era Moderna a violência do processo de caça às bruxas (DELUMEAU, 1989: 350).

Algo que era compreendido, a princípio, como heresia passa a ser dotado de um teor ainda mais negativo: a feitiçaria passa a ser um crime dotado de viés satânico. Um dos motivos é que a disseminação da demonologia entre as elites fez com que o argumento da ação diabólica no mundo ganhasse força no início da Era Moderna. No continente, por exemplo, a difusão do *Martelo das Feiticeiras* e de outras documentações fortalece a ideia da existência de uma anti-Igreja essencialmente composta por mulheres. Essa representação se difunde ao longo dos anos, mas, na Inglaterra, há um contexto diferente. A demonologia, a qual Stuart Clark situa

como fundamental para entender a política, a filosofia e a religião na Era Moderna (CLARK, 2006), está muito mais presente em documentações francesas do que em documentos como o analisado. Na Inglaterra, a bruxaria tem um caráter muito mais de desvio social do que heresia propriamente dita.

Entretanto, no panfleto de Petto há a menção a um pacto demoníaco por parte da bruxa sendo este explicado a partir de uma relação sexual. A bruxa, porém, é tida como uma vítima da ação e não necessariamente uma aliada. Ela é narrada exclusivamente como instrumento. Por ser fraca, por ser mulher. Afirma que mandou as convulsões a Spatchet contra a sua vontade e que não conseguia se libertar desta condição. Como no contexto inglês a caça às bruxas teve um caráter muito mais tímido e no período de circulação do panfleto as acusações de bruxaria eram quase nulas, não me parece ser um estímulo a perseguição. É mais um alerta para a necessidade de se apegar às orações como forma de proteção, ação desempenhada por Spatchet e que, em decorrência disso, conseguia liberdade por algum tempo de sua doença. Parece, também, um alerta às próprias mulheres e seus maridos. O feminino, compreendido como passivo e inocente, podia facilmente cair nas garras do diabo, seja com possessões demoníacas ou acordos. É importante frisar, todavia, que a cultura popular inglesa e sua relação com a bruxaria não foi estática. A Guerra Civil na Inglaterra, por exemplo, intensificou a perseguição num momento de intensa polarização religiosa. Depois disso, especialmente no período de publicação do escrito de Petto, a existência das bruxas passa a ser bastante questionada – e isso é visível pela necessidade de Petto afirmar constantemente que aqueles que duvidam de sua existência são antirreligiosos.

No quinto capítulo do panfleto, o pacto da bruxa com o diabo é descrito assim como sua confissão aconteceu sem nenhuma pressão. De acordo com Petto, a bruxa descreve sua inserção na bruxaria através de uma outra bruxa – o estereótipo da bruxa mais velha aliciando jovens para o diabo. Afirma ter sido o pacto realizado com um homem muito bonito, de voz solene que a violentou (PETTO, 1693:18). A ideia de uma exigência sexual que faz com que a bruxa se torne serva do diabo já era recorrente nas narrativas anteriores sobre bruxaria. Isso reflete, de certa forma, um medo e uma visão negativa acerca do próprio sexo. Este é relacionado ao demônio. É compreendido como algo em termos masculinos que, quando tem a mulher descrita como parte da ação, inclusive envolvendo prazer, é tido como imoral.

Temos poucas informações sobre essa mulher pela narrativa de Petto. Como dito, descrevê-la não é algo primordial na história. Uma jovem, aparentemente sem ligações com Spatchet. Petto se concentra na narrativa do pacto, da confissão deste e na morte da bruxa. Uma das únicas informações que Petto levanta é o fato dela

afirmar que foi mandada contra a sua vontade e que era muito pobre. Essa é uma informação relevante tendo em vista que muitas mulheres que foram obrigadas a confessar a bruxaria eram de camadas sociais pobres da sociedade (THOMAS, 1991: 420). Outra questão relevante é o papel dado a sua confissão como prova cabal de sua crueldade. O título do capítulo 5 “*Da bruxa que confessou privadamente sua culpa e testemunho oferecido antes de outro, ainda nada tinha sido feito contra ela*” (PETTO, 1693: 18) dá a entender que a confissão foi uma ação espontânea, mas do próprio título apreendemos que ela teria sido torturada. Segundo Thomas, mesmo a tortura sendo proibida nos julgamentos de bruxaria, muitas vítimas eram espancadas e passavam por castigos constantes (THOMAS, 1991).

Por fim, a morte da bruxa por doença e pela ação do diabo a coloca como fraca. As convulsões de Spatchet, segundo Petto, diminuíram e ele pôde voltar a seus serviços religiosos – sempre com ênfase de como a bruxaria pôde interferir no aspecto mais importante do indivíduo, a prática religiosa. No entanto, no *Posfácio*, Petto afirma ter recebido informações que, até o dia de sua morte, Spatchet teria continuado com convulsões esporádicas o impediam de orar. Isso não aparenta ser um estímulo a perseguição das bruxas como forma de acabar com o malefício e mais como um reforço da ideia de longevidade do poder sobrenatural no mundo e como essa narrativa cria uma atmosfera de medo e de dependência do religioso e do espiritual como forma de proteção e suporte em uma sociedade que estava questionando a base de seus valores.

### **Considerações finais: demonizar por temer**

O panfleto apresentado, portanto, diferentemente de produções de outros contextos e dos anos anteriores, não é uma fomentação da caça às bruxas no período ou a justificativa para a perseguição de uma imagem de mulher específico mas foca em mostrar que, mesmo em um período onde a questão da bruxaria não era protagonista nas discussões, a ideia do poder da bruxa permanecia de grande relevância. É um documento de cunho moral e religioso que apresenta a mulher como coadjuvante da história de um homem, que é protagonista de toda a narrativa. As representações misóginas perduram na obra mostrando como essas representações tem uma força não só na retórica como na prática cotidiana dos indivíduos e demonstram a continuidade desses discursos, com suas devidas alterações, ao longo da Era Moderna. É uma forma de reforçar para outros (homens) cristãos a imagem da mulher como a entrada do mal espiritual no mundo físico.

Estudar a construção das narrativas sobre as bruxas é desmistificar muitas representações vigentes até hoje no imaginário do Ocidente sobre esta temática. O

panfleto analisado ajuda pensar como as apropriações e significados dados a bruxaria ao longo da Idade Moderna foram heterogêneos assim como as mudanças na compreensão da religião e do religioso na Era Moderna. Muitos aspectos da política e do cotidiano são, até hoje, compreendidos como totalmente desvinculados de crenças e rituais, mesmo tendo elementos de teor religioso ou que evocam algo metafísico.

Para além disso, é preciso refletir sobre a prática do demonizar por temer algo. A construção da imagem do diabo foi – e ainda tenta ser – uma estratégia de controle e disciplinarização pelo medo. Definir que boa parte da humanidade carrega em si características inferiores, passivas e que, além disso, tem a potência do mal diabólico residindo em si – vinculando isso, muitas vezes, a sedução e aspectos sexuais - é um discurso de poder. É construir a narrativa da necessidade de subjugar. É escolher um bode expiatório onde é possível canalizar e centralizar todas as suas frustrações, receios e fracassos. É a tentativa de centralizar na mulher a culpa e exaurir o homem de qualquer responsabilidade e de dotar o sofrimento e a dor de significados espirituais tanto como forma de significar a própria dor como forma de, também, justificar a dor imposta ao corpo do outro com a tortura. O sofrimento como narrativa de fé e a subjugação da mulher por “motivos naturais” poderiam parecer algo surpreendente e totalmente sem paralelos em discursos e práticas em pleno século XXI. Infelizmente, porém, não parecem.

## Referências

BARRY, Jonathan; HESTER, Marianne; ROBERTS, Gareth (Ed.). *Witchcraft in early modern Europe: studies in culture and belief*. Cambridge University Press, 1998.

BARRY, Jonathan. *Witchcraft and Demonology in South-West England, 1640-1789*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação masculina*. São Paulo: B. Brasil, 1999.

BROWN, Michael. “Christ and the Condition: Samuel Petto (c.1624-1711) on the Mosaic Covenant.” In: *Mid-America Journal of Theology*, Dyer, vol.20, 2009.

BURNS, William E. *Witch hunts in Europe and America: an encyclopedia*. Greenwood Publishing Group, 2003.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CLARK, Stuart. *Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Euro-*

- pa moderna. Tradução. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- ELMER, Peter. 'Saints or sorcerers Quakerism, demonology and the decline of witchcraft in seventeenth-century England'. In: BARRY, Jonathan; HESTER, Marianne; ROBERTS, Gareth (Ed.). *Witchcraft in early modern Europe: studies in culture and belief*. Cambridge University Press, 1998.
- FLETCHER, Anthony. *Gender, sex & subordination in England 1500-1800*. New Haven and London: Yale University Press, 1995.
- GREENBLAT, Stephen. *Ascensão e Queda de Adão e Eva*. São Paulo: Cia. Das letras, 2018.
- KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- LEE, Sidney. *Dictionary of National Biography*, Vol. 40, London, 1894.
- MINOIS, Georges. *Les origines du mal: une histoire du péché originel*. Paris: Fayard, 2002.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo, séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- MUCHEMBLED, Robert. « L'autre côté du miroir: mythes sataniques et réalités culturelles aux XVIe et XVIIe siècles ». *Annales ESC*. Paris, v. 40, n. 2, mars/avr. 1985.
- NIGRI, Lucia; TSENTOUROU, Naya (Ed.). *Forms of hypocrisy in early modern England*. Routledge, 2017.
- PETTO, Samuel. *A Faithful Narrative of the Wonderful and Extraordinary fits which Mr. Tho. Spatchet (Late of Dunwich and Cookly) was under by Witchcraft or A Mysterious Providence in his even Unparallel's Fits*. Londres, 1693.
- PLOMER, H. *A dictionary of the printers and booksellers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1668 to 1725*, Oxford: Oxford University Press, 1922.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1996.
- SISSA, Giulia. *Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos*. In: PANTEL, P. S. (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.
- SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.
- THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

WRIGHT, Stephen. Samuel Petto. In: *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford: Oxford University Press. <<https://doi.org/10.1093/ref:odnb/22067>>. Acesso em 20 de maio de 2019.